

A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO II

GERENTE—MANOEL DE OLIVEIRA PAIVA

N.º 1

FORTALEZA, 15 DE JANEIRO DE 1888.

SUMMARIO

Expediente ;
A QUINZENA ;
Apontamentos sparsos — JOSÉ CARLOS JUNIOR ;
O mimo de rosas.—V. R. ;
Naturalismo.—GILBERT ;
O suicidio como consequencia da falta de convicção.—R. DE FARIAS BRITO ;
A volta das andorinhas.—OLIVEIRA PAIVA ;
A proposito de uma anedocta.—SYLVIO ;
Pelo mundo artistico ;
Aos nossos assignantes ;
Aviso ;
Annuncios.

EXPEDIENTE

Assignaturas

CAPITAL

Anno 68000
Semestre 480

Não se acceitam assignaturas para menos de um semestre.

ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facundo 36

A QUINZENA

Completa hoje A QUINZENA o primeiro anno de existencia.

Periodo muito curto na vida da imprensa um anno é, contudo, decurso bastante longo para uma folha do genero desta, no nosso meio mais do que hostile, indifferente á vida litteraria.

Demanda pouco tempo e trabalho fazer a estatistica dos que lêem entre nós, negligên-

ciado, é claro, o numero avultadissimo dos que se delectam com os romances de Escrich e Paulo de Kock, as selectas de recitativos e as discussões da imprensa diaria.

E não é destes q' deve uma publicação puramente litteraria, feita de boccados de bellas letras e ensaios scientificos, esperar animação e auxilio expontaneo, gostosamente prodigalizado.

Só por isso pode-se avaliar quanto esforço custou não deixar morrer a primeira revista litteraria que no Ceará se arriscou a lutar pela vida, desarmada completamente, protegida apenas pela boa vontade tenaz e fervorosa de meia duzia de temerarios, pontu-

das as suas esperanças nessa intuição de progresso, tanta vez revelada em diversas manifestações da vida da sociedade cearense.

Nas linhas com que apresentamos A QUINZENA ao publico, a 15 de Janeiro de 1887, deixamos claramente expressa a segurança com que confiavamos fosse vencido pelo espirito progressista da população o indifferentismo que não podia deixar de existir pelo movimento litterario, que mal nos alcança como repercussão quasi insensivel, fracamente transmettida de outros centros longiquos.

E não nos enganamos. A modesta revista do *Club Litterario* viveu, difficilmente é certo, mas viveu, apesar de não ter podido tomar a orien-

tação que lhe convinha e convem, da qual depende sua melhor accitação e popularisação.

Com a organização que tem A QUINZENA póde conquistar elementos de estabilidade. Assim passem por certa modificação os moldes adoptados até aqui, os quaes, confessamos, não são exactamente os que estavam nos nossos intuitos.

Tornar a folha mais variada, distribuir pelas suas paginas mais abundante copia de assumptos, tornar menos frequentes as producções de longo folego ou amenisadas, dosando-as de maneira a não sacrificarem outras mais appetecidas, vai ser o nosso empenho.

Com tal proposito solicitamos a continuação do favor com que temos sido coadjuvados até hoje, e que d'aqui agradecemos sinceramente.

E' quanto nos basta para assegurar a continuação da despretenciosa folha que póde ser de futuro valente nucleo das brilhantes irradiações de melhores talentos.

Apontamentos esparsos

Tenho como verdade incontestavel que em nossa litteratura, ainda embrycnaria, o romance está quasi por se crear. Alguns vultos, que salientaram-se ha tempos neste genero, pertencem á época em que era fraquissimo, insignificante o papel representado por elle na evolução litteraria.

Até poucos annos passados ainda não havia no Brazil um romance publicado, ao qual se podesse attribuir a importancia, que as producções dessa natureza tem actualmentemente. Caracterisava aos poucos, que possuíamos, a extrema ligeireza, a ténuidade dos esforços e ausencia completa de tendencias ou, melhor, de convicções, com que degenerava ou desinhava então o romance francez.

Em quanto os Feval e os Montépin mantinham no discredit esse genero de litteratura, não era grande a falta que elle nos fazia. Hoje, porém, que o romance entrou em uma phase completamente diversa, que passou a merecer a attenção de profundos pensadores e adquiriu uma densidade e uma importancia de que a melhor parte do publico já não lhe permite prescindir; hoje que sabios como George Ebers, philosophos como Tolstoi recorrem ao romance ou consagram-lhe uma boa parte de suas vigílias, poetas de reputação firmada como Theuriet, Maupassant, Bourget, trocam o soneto pela novella, o poema pelo romance, parece que já era tempo de possuirmos verdadeiro romance, que tivesse alguma cousa de brasileiro e acompanhasse de perto a expansão que tem tido o genero nas melhores litteraturas.

Temos já romance naturalista e reputação litteraria assás brilhante, conquistada a seguir os passos dos grandes chefes do realismo. Falta-nos porém acurado estudo do nosso paiz e das nossas cousas para que o romance realista brasileiro tenha um cunho de originalidade e não seja a imitação mais ou menos servil de Zola ou dos Goncourt, mudadas apenas as decorações ac-

cessorias.

Seja-me perdoada a temeridade desta assorção que tenho por verdadeira. Todos os trabalhos litterarios, que conheço no Brazil, mais ou menos vados em moldes realistas, peccam por falta de analyse.

Os estudos limitam-se aos phenomenos, sem remontar ás causas, ou, por outra, tem se applicado á nossa sociedade o resultado de observações feitas em sociedades muito differentes, quando o que cumpria fazer ainda era começar as observações e os estudos que podiam levar a resultados differentes.

Em uma sociedade em via de composição como é a das nossas cidades principaes, formada, mais que nenhuma outra, de elementos heterogeneos, hão de achar-se por certo muitos dos caracteres e dos vicios das sociedades europeas, a nevrose em suas multiplas manifestações, o *cant*, o pessimismo etc. A procedencia, porém, já não é a mesma, o estudo devo ser diverso e esses phenomenos são incidentes e excepcionaes. As suas causas puramente locais.

Só quando os romancistas brasileiros começarem a explorar a mina quasi virgem ainda dos costumes do interior, deixarem as cidades e o littoral, onde falta a originalidade para ir estudar e revelar a vida dos centros, das villas e povoados, engenhos e fazendas, o homem em contacto immediato com a natureza, com essa natureza horrorosamente grande e rica, fatalmente bella e prodiga, que nos esmaga com as suas caricias que, á força de ser-nos propicia, vae nos enfraquecendo; só depois de ter-se estudado a acção directa do meio physico, do clima, da natureza sobre o homem, é que se

podera com segurança tratar dos phenomenos sociaes, acompanhar o desenvolvimto dos factos que determinam a actual ordem de cousas.

A psychologia do individuo, que vive a braços directamente com a natureza, é que deve ser o ponto de partida. Depois então applicuem-se os mesmos processos á sociedade, discriminando-se os elementos adventicios, para se ter idéa firme sobre a nossa nevrose nacional.

No Brazil a acção da natureza sobre o homem geralmente é morbida, acabrunhadora; ella tira-lhe as forças, inhabilita-o para a lucta. A natureza é pujante; por isso o homem é mesquinho. A noticia dos commettimentos, das empresas, do movimento ascensional do espirito humano, o contacto com o estrangeiro, a visita á Europa, os livros, tudo isto excita-nos o espirito, accende-nos idéas e ambições que nos põem o cerebro em encandescencia mas que yem naufragar no escolho ineluctavel da fraqueza apathica e morbida que nos incutiu a natureza.

Eis a nossa nevrose nacional, eis a razão do descalabro geral de que todos nos queixamos.

Eis tambem um campo vasto para desenvolver-se a escola naturalista brasileira.

Os modernissimos escriptores francezes, notadamente Maupassant, Daudet, Bourget tem feito nos seus romances larga parte á natureza, ao meio physico. Flaubert e mesmo os Goncourt pouco se preoccupavam disto. Zola o faz accidentalmente. Em compensação era esta uma das maiores preoccupações de Turgue-neff e seus imitadores e de quasi todos os realistas slavos.

JOSÉ CARLOS JUNIOR.

O MIMO DE ROSAS

(VICOMTE DE BORELLI)

—Amiga Jardineira, eu quero algumas rosas...
E fiz logo ao entrar uns grandes cumprimentos.
A Flora do lugar, de seios opulentos,
Não m'os retribuiu. As Floras são ciosas...

—“Aqui tem.” —

—“Eu queria inda melhores...”

—“E estas?”

—“Inda melhores...” Riu desta exigencia minha:

—“Senhor, meus parabens; são p'ra alguma rainha?...”
Sou timido, baixei os olhos. Ella em festas

De grandes ironias, foi-me dardejando
Um zombeteiro olhar, olhar sem piedade!
E humilde eu respondi: “P'ra Sua Magestade
A Rainha d'esta alma.” E as rosas fui levando.

V. B.

O NATURALISMO

O anno de 1888 recebeu de seu antecessor os efeitos de um acontecimento auspicioso para a litteratura brasileira, qual o de em poucos dias esgotarem-se tres edicções do romance *O Homem*, de Aluizio Azevedo. Isto mostra que o nosso publico se convenceu, por fim, de que o nosso paiz não tem somente café e algodão e borracha; que não dá somente bachareis e conegos; que não trabalha só para sustentar o funcionalismo e pagar juro ao estrangeiro; mas que tambem possui quem *faça livro*, na eminente expressão da palavra.

Com effeito, não se podia comprehender que uma região tão vasta, original, pujantemente variegada, onde trava-se a luta de tantas raças diferentes, não continuasse, por um processo de selecção natural, a produzir d'esses individuos que eternizam pela palavra a vida das nações.

Tivemos escriptores no tempo colonial. Assistimos ao convulsionar da revolução ro-

mantica. E agora, quando a Europa inteira reatava o fio tradicional da verdadeira Arte; quando enthronava a legitima dynastia intellectual apesar da viva guerra dos usurpadores; quando, pelo naturalismo, eutrava francamente nas avançadas da evolução litteraria; que fazia o Brazil, cujos povoadores tão cedo não poderão exibir-se de acompanhar o movimento europeu?

Lia o que vinha de lá.

* * *

Entretanto, si é que aspiramos ao grao de nação e de povo, a Europa estaria em todo o seu direito nos julgando assim a modo de uma senzala, um paiz *essencialmente agricola*; pois que era tal o nosso descuido e «falta de caracter» que, possuindo os mais profundos e operosos talentos, desdenhavamos tributar a estes a nossa attenção e o nosso obulo.

Ora, o publico brasileiro acabou de protestar contra a inercia e indifferença de que o acoimavam. E é preciso

que sejamos tambem gratos ao publico.

Mas tambem, que havia de elle fazer, si escriptores brasileiros tinham abusado? Si escriptores, longe de apresentarem-se lidadores fecundos pelo trabalho, como Jose de Alencar, mostravam-se fátuos e infusos de talento selvagem e infantilmente bobo; si escriptores, em vez de rebentarem do seio da nação, do turbilhão da vida, como Cervantes, Shakspeare, Stern, Goethe, Hugo, Balzac, Zola, Raimalho Ortigão, sabiam eras das academias com uma litteratura de caso pensado e uma idéa falsa das pessoas e das coisas da sua terra, encher-gando pelos olhos dos estrangeiros e hobreando-se audaciosamente, do primeiro impulso, com os grandes de lá?

A tudo aquillo deu lugar a desordem implantada pela phase romantica. Hoje, porém, ha indicios de orientação. O naturalismo, no seu rigor de observação, de experiencia, ligando intimamente a idéa com a forma, acataudo a Sciencia, subordinando-se de todo á Arte, elevou o trabalho, o bom senso, o genio. e despresou a ociosidade dos parasitas que produzem um escripto como uma planta estéril dá uma linda flor infecunda.

E' por tudo isto que nos mostramos summamente satisfeitos com as repetidas edicções d'*O Homem*. tomando novo folego para proseguir na espinhosa mas consoladora vida litteraria, vida de que a nação precisa necessariamente, e sem a qual bem poderia desengonçar-se este vastissimo territorio.

Mas a litteratura brasileira terá com effeito entrado pelo caminho do naturalismo? E o que vem a ser o naturalis-

mo ?

Esta pergunta é difficilima de responder, e tanto, que no proximo numero dedicaremos um artigo especial para tentar, si não de todo, ao menos em parte, dar uma idéa ao leitor.

GIL BERT.

O suicidio como consequencia da falta de convicção

O suicidio longe de ser a negação do querer viver, ao contrario é uma das affirmações mais energicas da vontade.

(SHOPENHAUER)

(Conclusão)

Na epocha que atravessamos, já o disse um nosso collega em umas notas esparsas em que se occupava do estado actual das litteraturas, a nota dominante da civilisação é o pessimismo. E eu por minha vez acrescento: e a causa primordial do pessimismo moderno é a falta de convicções.

Um notavel escriptor, autor de uma obra importante, *As Mentiras Convencionaes da Civilisação Contemporanea*, da qual se esgotaram na Alemanha em seis semanas tres grandes edicções, submettendo a um rigoroso exame o estado actual dos paizes civilisados, terminou estabelecendo o seguinte :

“A opposição entre os governos e os povos, a colera dos partidos uns contra os outros, a fermentação nas diferentes classes sociaes, tudo isso são manifestações da molestia geral da epocha.”

E em seguida acrescenta :

“Cada individuo sente um mal-estar, uma irritação que attribue, si não cogita da razão por meio da analyse, a mil causas accidentaes e sempre erroneas. E' impellido a censurar asperamente, quando não as condemna, todas as manifestações da vida social. Essa impaciencia que as impressões exteriores mais irritam e exasperam, uns a chamam nervosidade, outros pessimismo, outros ainda scepticismo.”

Depois, tratanto de indagar qual a causa d'esse estado moral intoleravel da humanidade, estabelece o mesmo escriptor, que tudo isso provém da mesma causa que inspirava aos romanos instruidos da decadencia, o desgosto em face do vacuo da vida, do qual acreditavam não poder livrar-se senão pelo suicidio.

“Esta causa, diz elle, é o contraste entre a nossa concepção do mundo e todas as manifestaões de nossa vida intellectual, social e politica. Cada uma das nossas acções está em contradicção com as nossas convicções e as desmentem. Um abyssmo intransitavel existe entre o que julgamos ser a verdade e as instituições tradicionaes em que somos obrigados a viver e obrar.”

A consequencia inevitavel desse estado critico das sociedades modernas, foi e não podia deixar de ser o pessimismo. Quando a sociedade fica reduzida a condições d'esta ordem, faz-se preciso que appareça o pessimismo como elemento de dissolução : só depois começa o espirito a encaminhar-se para a criação de um novo idéal. Tal é, justamente, o estado das sociedades modernas.

Quem primeiro soltou o grito de revolta, ou melhor, quem o soltou com resolução e firmeza, de maneira a dar um impulso irresistivel à marcha do pensamento, foi Shopenhauer, que foi beber o fundo de suas idéas na metaphysica sombria das velhas religiões asiaticas.

O grito de Shopenhauer repercutiu no mundo inteiro.

O mysterioso philosopho a quem M. Fichte chamou “um hypocondriaco” achou em toda parte corações capazes de comprehendel-o. Mesmo entre nós houve quem soubesse interpretar com fidelidade as suas idéas.

“Os estudos de historia do Ceará”, pelo Sr. Joaquim Catunda, são tambem uma repercussão do grito de Shopenhauer, augmentado pelas condições pessoas do auctor, seriamente revoltado contra as miserias reaes da nossa sociedade. O Sr. Catunda applicou ao nosso meio o mesmo criterio com que Shopenhauer julgou a humanidade e o mundo.

Resta, porem, indagar si semelhantes doutrinas constituem aquillo a que Lange chama “o thesouro duravel dos conhecimentos humanos.”

Francamente dizemos [que semelhante proposição é inteiramente inadmissivel : do contrario a consequencia logica e inevitavel seria o suicidio.

Com effeito, si a vida é uma serie de males, si o destino natural da humanidade é soffrer, acabar com a vida é acabar com o soffrimento, e, portanto, a morte deve ser o nosso idéal.

De outra maneira não se pode ser coerente, e sendo assim, é impossivel deixar de conhecer que Facó, Joaquim de Souza e Xilderico Faria tiveram razão.

O que ha, é que tiveram a comprehensão um pouco mais clara que os outros ; não se deixaram cegar pelo prisma das illusões, não desfiguraram pelos sonhos brilhantes da

imaginação as scenas dolorosas da realidade : comprehenderam que a vida da humanidade é um inferno.

Felizmente a contemplação reflectida das scenas da natureza, considerada em suas revelações mais profundas, desmente a concepção pessimista do mundo.

O espirito consegue elevar-se acima do circulo estreito da realidade e se reestabelece das luctas da vida, subindo à região do idéal.

E' certo que a vida é uma serie de luctas. Por mais que se queira idealisar as condições da existencia, por mais favoraveis que sejam as disposições de quem quer que observe a marcha das cousas, não se pode deixar de confessar que a vida é um grande e vastissimo campo de batalha.

O principio de Darwim é rigorosamente verdadeiro : a vida é uma lucta constante, lucta do homem contra o absurdo e o despotismo da força bruta, lucta contra a fatalidade dos elementos, lucta do homem contra si mesmo.

De todos os lados levantam-se queixas interminaveis e em nenhuma parte a humanidade está contente de si.

Pode-se dizer que a vida é isto : de um lado as forças cegas da natureza, do outro lado o esforço do homem ; de um lado o mecanismo fatal e a rigidez inflexivel dos elementos, do outro o movimento consciente e indefinido da intelligencia em lucta contra as agitações indomaveis da força. E o tempo se avança, as idades se vão successivamente passando, tudo caminha. Ninguem sabe de onde vem, ninguem sabe para onde vae.

Uma onda irresistivel desce do alto da grande montanha e tudo é inevitavelmente arrastado.

Cada geração que começa funda os seus arraiaes por cima das ruinas de uma geração que findou ; e o mundo marcha, a humanidade se avança : tal é a linguagem da historia.

A historia justifica, portanto, o pensamento de Max Nordau que sustenta a opinião de que o pessimismo tem base physiologica. Contudo ha no fundo mesmo dos factos que dão lugar a esta concepção um germen fecundo de bens.

O soffrimento tem tambem a sua significação e comprehendido em sua verdadeira essencia vê-se que tambem concorre para a harmonia geral.

Eu chego mesmo a affirmar que a dor é o elemento primordial do progresso : é pela dor que se conhece mal, é pela dor que se procura o bem. A dor é a mais poderosa alavanca da vida : é d'ella que nos vem o impulso que leva para o futuro.

Recorrer ao suicidio, como meio

de reagir contra a dor, é, pois, desconhecer a natureza das cousas: a dor ensina, a dor fortalece, a dor salva.

Alem d'isso é sempre embalde que nos lamentamos: o universo conserva-se indelidamente o mesmo. Não arredamos uma palha sem que tenhamos de reconhecer que somos simples instrumentos de uma força desconhecida que envolve tudo. Não devemos nos considerar soberanos; apenas somos miseráveis escravos no grande laboratorio do mundo: e o principio e o fim da cadeia mysteriosa a que nos achamos ligados são absolutamente desconhecidos.

Todavia sentimos. Tudo parece estar fóra de nós, mas ha uma cousa que está dentro: é o nosso sentimento. Tal deve ser o unico interprete das nossas necessidades.

O que este sentimento nos revela é a tendencia para o melhor. Faz-se, pois, absolutamente indispensavel o esforço: cada um deve empregar os meios na altura de suas forças para remover o mal e para conseguir o bem.

A unica dedecção a tirar-se d'ahi é a necessidade que temos de trabalhar.

Hoje mais que nunca esta necessidade patenteia o seu grande poder.

As relações sociais se definem de uma maneira precisa e os diversos ramos da actividade humana giram dentro de uma esphera especial traçada pela natureza das cousas.

A industria, conforme a expressão de Theophilo Braga, vivificada pelas descobertas scientificas que transformam o meio cosmico e adaptando-o ás necessidades humanas, realisa na sociedade a equação inilludivel entre a produção e o consumo, é uma das formas novas do poder destinado a substituir o poder espiritual dos dogmas que já não realisam o accordo das consciencias.

O trabalho torna-se, pois, uma força consciente e regeneradora; o quadro das aspirações do espirito humano se alarga; e o que sobretudo releva notar é que a applicação perseverante dos meios destinados a alargar o circulo da actividade, é o meio mais efficaç para a conservação do equilibrio moral.

E' d'ahi que vem a verdadeira fonte de felicidade.

A formula da moderna civilização deve, portanto, ser esta: trabalhe-mos.

Tal é a unica medida de salvação contra a influencia perniciosas do pessimismo.

R. DE FARIAS BRITTO.

A volta das andorinhas

Estavam todos tres debruçados na janela, sem dizer palavra, olhando para a chuva. Eram elles: o poeta Antonico e dous pequenos, garrulos como os priquitinhos verdes que passam todas as manhãs.

E' escusado dizer que o Antonico occupava o meio, e que estava lendo, mas que o livro elle o tinha fechado entre os dedos da mão direita, e até, lembro-me bem, com o dedo indicador mettido entre as paginas para marcar o ponto da leitura.

Os pequenos reparavam para a agua barrenta que corria pelos dous lados da rua.

A correnteza trazia objectos sobre objectos, que elles iam notando...

—Olha uma casca de laranja... lá afundou... lá appareceu... topou n'um pedaço de pao atravessado... lá a correnteza carregou tudo...

—Espia como aquelle sapinho vem rolando com aquelle caco de cuiá...

Um d'elles soltou um—ai—admirativo e piedoso, muito prolongado e chamou a attenção do outro para uma barquinha de papel que vinha naufragando, subindo e descendo rapidamente as ondasinhas barrentas; a principio muito aprumada e dextra, parecida com uma arca de Noé em miniatura, depois um tanto pesada, lenta, pendendo para um lado... depois adornando mais.. e mais... até o papel ensopar de todo e a barca transformar-se n'uma simples folha de escripta..

—Lá vem um sano morto de bar-riga para o ar!

—E' uma gia!

—E' um cururu...

—E' uma gia...

—E'...

Pelas calçadas um bando de meninos ia de bica em bica apanhando o choque das grossas massas de agua.

O mais pequenito estava nuzinho... comprimia o peito com os braços, já com frio. Um atirava-se na coxia, contra a correnteza, que assoberbava e envolvia a cara n'uma onda suja por onde o disco passava precipitadamente. Outro atirava pauladas á agua, que espirrava para os lados...

Os dous pequenos gostavam de ver aquillo, com inveja porque o pae não os deixava fazer o mesmo.

O Antonico, porem, como a casa vizinha era de beiraes, á antiga, aprazia-se era com os innumerables fios d'agua cadente das goteiras, para esse lado. Gostava de ver aquella linha de cordõesinhos de crystal fundido, arrebatando-se na calçada, fazendo saltar das poças umas grinaldazinhas de grossos pingos trans-

lucidos e ephémeros. Os pingos boiavam á tona por instantes, —bo-lhas animadas, umas aguas-vivas, —caminhavam para a margem onde affogavam-se para sempre, uns atraz dos outros, cobrindo assim de empolas brevissimas a face tremulada da agua das calçadas, de parceria com os bagos da chuva, que irriçavam todo o solo.

O facto é que todos tres sentiam-se bem, satisfeitos, deliciosamente commovidos, respirando aquelle arzinho penetrante e repassado de fina frescura, recebendo aquella zoadas que parecia entrar pelos poros, vendo, com os olhos, aquillo que a gente parecia até haver esquecido como era e como não era:—as chuvas.

Com effeito, os meninos só conheciam as estações pelo prisma horroroso do 77, e um d'elles quasi perguntava si aquillo é que se chamava inverno.

A chuva era assim um espectáculo novo, surpreendente, fora dos habitos de uns tres annos atraz.

Rua abaixo, rua acima, olhares ávidos se demoravam contemplativos, e a cidade, cheia de si, parecia estar toda por traz das vidraças, nas rótulas, nos peitoris mais resguardados; nos alpendres, nas varandas, como si um Messias em domingo de Ramos surgisse de toda parte. As côres avultavam lavadinhas de seu. O som percorria o ar com uma limpeza de pennas de ave que não conhece grilhões. E o philosopho incrédulo, por instincto de gratidão á natureza, propunha a si mesmo a Omnipotencia de quem quer que fosse, timorato e crente pelo effeito apenas de um momento de felicidade.

A agua ia minando alegremente todas as coisas, enchurrando estrepua.

Havia uma zoadas hilariante sobre um fundo silencioso.

..

A' noite, os que passavam dos vinte annos recordavam-se então do nosso tempo, ao ver-se reproduzidos pelos descuidosos marotinhos que fazem palacios de areia molhada, na coxia; que da mesma areia erigem curraes onde mettem ossinhos de pé de hoi fazendo de conta que são bois vivos; que constroem fornos de padeiro na forma do pé e põem-lhe dentro uma luz á guiza de brazido; que levantam fortificações para bombardear a tiro de roqueira com bolas de cortiça... esses marotinhos, que jogam a ponga, o firo, o pião, as castanhas, os buzios, o papagaio, a onça, o burro; que fumam cigarros de papel de embrulho, rufam nas latas e nos bahús, modulam em clarinetos de carrapateira e em flautas de mãmão, que pedem vintem, que arranjam mialheiro de

barro ou de caixa de charuto, e que aborrecem, como nós, a dura necessidade, n'aquella doce inconstancia da meninice!

Quantos d'elles não cumprimentam a vocês, que já são pessoas sérias, com o engenhoso nome de papae?

Era na verdade um cunho de renascimento o que se divisava. A gente se fazia criança. A homens sisudos vimos cantarolando, malucos de satisfação. Tudo se transfigurava com a idéa do bom inverno, leetimo El-dorado nosso.

E o Antonico, para exprimir o sentimento, as sensações que sofria e gosava n'aquelles momentos, sentou-se à banca, entre os dois amiguinhos que estavam sempre a fazer perguntas, e começou a ver-sejar sob a seguinte imagem e titulo: *A volta das andorinhas.*

OLIVEIRA PAIVA.

A PROPOSITO DE UMA ANECDOTA

Todas as manhãs a Sra. de Seget, nobre condessa, costumava demorar-se alguns instantes na janella de seu gabinete, aspirando o perfume que se desprendia da verde trepadeira de *madre-silvas*, que, em espiraes, envolvia duas palmeiras plantadas em seu jardim.

Na vizinhança do palacete dos condes moravam alguns estudantes, dos quaes, um, o Jayme, moreno e elegante, tinha a sombrear-lhe o labio superior e a esconder-lhe os alves dentes um negro bigode.

A's mesmas horas em que a nobre senhora de Seget costumava renovar o ar de seus pulmões e sorvia mais facilmente o oxygeno carregado do azoto, que se desprendia da frondosa vegetação do parque, a essas mesmas horas, os estudantes costumavam tambem conversar reunidos, á sacada do seu sobrado.

O Jayme tinha-se em conta

do conquistador; ria-se, gritava, chorava..., enfim, fazia tudo para prender a attenção da formosa e joven condessa, mas sempre em vão.

De uma vez, teve uma idéa maravilhosa:—contar anedoctas.

D'ahi por diante sua unica occupação era, nas bibliothecas, procurar em velhos almanaks anedoctas picantes e apimentadas, que arrancassem o riso e ao mesmo tempo excitassem a imaginação de quem as ouvisse.

Por mais espirituoso que fosse o nosso estudante e as suas anedoctas, ainda não havia conseguido arrancar dos labios da condessa o mais leve sorriso; esta, sempre serena e altiva, ouvia-lhe com uma fleugma e desattenção prodigiosas.

Um dia, porem, contava elle uma anedocta a proposito de Balzac, cheia de verve e de espirito. A condessa ouviu-o e de seus labios rebentou uma gargalhada estridente e argentina. Riu a bom rir, abertamente, e o seu entusiasmo chegou a ponto de n'aquella noite convidar o estudante para o seu chá.

A's nove horas, avisada pelo lacaio, foi a condessa receber ao jovem.

Após a apresentação do estylo seguiu-se animada conversa entre a condessa e alguns convivas, enquanto que outros, reunidos ao Sr. de Seget, jogavam o *voltarete*.

A profusão de luz espalhada pelo elegante salão dava aos ricos moveis o tom de nobreza que caracterisava aos condes.

A senhora de Seget, amavel e de fina educação, procurou ser agradavel o mais

possivel ao nosso estudante, que julgou ver n'essa delicadoza a acceitação tacita de seu amor imperioso e revoltante.

No dia seguinte recebia a condessa uma cartinha perfumosa, escripta em papel *miignon*, em que Jayme lhe pedia uma entrevista.

Ao ler a carta uma onda de sangue banhoulhe a face altiva e bella; mas, voltandolhe a calma, pelo orgulho ofendido, sorriu e disse ao lacaio:

—Diga-lhe que ás 11 horas o espero; que seja pontual.

A's horas marcadas era introduzido nos aposentos particulares da Sra. de Seget, o nosso estudante, que, de joelho a seus pés, lhe fazia a ardente confissão de seus amores.

Nas faces da condessa, pallidas como a cêra, esbatiam-se os raios da luz amortecida que derramava uma vella de stearina collocada sobre uma meza redonda, de ebano, com incrustações de marfim em arabesco.

Os seus cabellos negros e cheios de ligeiras ondulações, tinham «o bello reflexo da aza do corvo», esbatida pelos ardentes raios do sol.

Emquanto Jayme ajoelhado, fallava, a condessa conservou-se de pé, mollemente recostada a seu guarda-vestidos. O que em seu coração se passou n'aquelle momento ninguem o poderia dizer.

Jayme tomoulhe uma das mãos frias e delicadas; quando ia leval-a aos labios, a condessa despertou d'esse sonho que a prostara, pelo ruido do portão que girou nos gonzos

e o trote da parelha que tirava a carruagem do conde.

—Meu marido e o senhor aqui, disse friamente a condessa. Acompanhe-me; e, seguindo para a casa de jantar, fez-o esconder-se na parte inferior do armario que apressadamente abriu.

* * *

—Boa noite, condessa. Admiro-me encontrar-a aqui a estas horas, disse o conde sorrindo.

—E' que tive desejo de servir-me de um pouco de queijo e vim ver si encontrava,—replicou a condessa esforçando-se por mostrar a calma habitual.

—Não encontraste?

—Não....

Queres fazer uma aposta, conde vamos...vêr quem paga o queijo,—disse a condessa sorrindo amavelmente.

—Vamos.

—Pois bem, pagará o queijo aquelle que primeiro falar na chave do armario.

—Sim, replicou o conde deixando sahir de seus labios o fumo de um delicioso havana.

—Bem, observou a condessa cingindo brandamente a cintura do conde e depositando em seus labios um ardente beijo, senta-te aqui, vou contar-te uma interessante aventura que se deu hoje commigo.

E começou:

«Aquelle estudante que esteve hontem aqui... escreveu-me hoje pedindo uma entrevista.

—O que dizes?!?

—E' verdade. Dei-lh'a, elle veio e...

—E o que?

—Prendi-o alli no armario.

—Que é da chave? perguntou o conde levantando-se pre-

ciptado.

—Paga o queijo, replicou a condessa sorrindo gostosamente.

—Tens espirito, condessa, e só assim me ganharias a aposta, disse meigamente o conde, entrando para os seus aposentos.

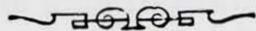
A condessa dirigiu-se ao armario e fez sahir o estudante, que pallido e assustado ouvira a scena que se acabava de passar.

E disse-lhe alegremente:

—A's suas anedoctas, senhor, junte mais essa que acabou de ouvir... e não torne a tomar a delicadeza de uma senhora por uma correspondencia de amores.

Dezembro de 87.

SYLVIO.



PELO MUNDO ARTISTICO

Acaba de ser exposto á venda em Paris um livro curiosissimo. Intitula-se: «A verdade sobre a Dama das Camélias.» O auctor, o sr. Romain Vienne, foi o confidente e amigo de Maria Duplessis.

Parece que o livro contém revelações curiosissimas e allusões a pessoas muito conhecidas na alta sociedade parisiense.

A associação dos escriptores de Paris solemnizando o seu cincoentenario, expoz a publico o novo livro «Histoire de la Société des gens de lettres» de Eduardo Montagne, delegado do «comité». A obra é prefaciada por Jules Claretie.

Fernando Caldeira e Gervasio Lobato concluíram uma comedia original em 4 actos, intitulada *As medicos*, que devia ser representada no Gymnasio de Lisboa.

A livraria Charpentier acaba de expôr no grande mercado europeu o tão discutido romance de Zolá, anteriormente publicado em folhetins do «Gil Blas»: *La Torre*.

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

Para facilitar a popularisação d'A QUINZENA resolvemos reduzir o preço da assignatura a 6\$000 por anno, tanto para a capital como para o interior e provincias.

Todos os negocios da empreza tratam-se com o respectivo gerente, M. de Oliveira Paiva, thezoureiro do *Club Litterario*.

Pedimos aos Srs. assignantes que, por especial obsequio, tragam ao conhecimento da administração da folha qualquer falta na entrega da mesma e as reclamações que entenderem a bem de seu direito.

AVISO

Aos Srs. assignantes d'A QUINZENA e a quaesquer pessoas que tenham negocios com a empreza avisa-se que a administração da mesma passou ao abaixo assignado, thezoureiro do *Club Litterario*.

Fortaleza 15 de Janeiro de 1888.

Manoel d'Oliveira Paiva.

ANNUNCIOS

COLLEGIO

DE

Santa Rosa de Lima

situado no saudavel suburbio do Bemfica, servido pela linha de bonds.

As aulas reabrem-se no dia 15 de fevereiro proximo.

Recebem-se alumnas externas, semi-internas e internas.

Ensino pelos methodos mais modernos.

O programma e condições de admissão serão publicados no «Libertador».

A directora,

Julia Amaral.

CURSO DE FRANCEZ

A partir do dia 15 do corrente recommençará o curso de francez theorico e pratico de Mr. de Viremont, em casas particulares e na residencia do mesmo.

A tratar á rua Formosa n.º 25 ou no escriptorio do «Libertador».

Fortaleza 14 de Janeiro de 1888.

PVSSEIO PUBLICO

As corridas de cavallinhos são d'ora em diante aos

DOMINGOS,

TERÇAS,

QUINTAS E

Sabbados

Das 5 horas da tarde ás 9 da noite.

CONFUCIO

Unico estabelecimento especial em artigos para—USO DOMESTICO.

Louças, vidros, mobílias etc.

Objectos para viagens, brinquedos para creanças.

Artigos para jogos, utensilios para escriptorios, banheiros, etc. etc.

59—Rua do Major Facundo—59

Motta Vieira & C.^a

88--Major Facundo--88

FORTALEZA

Importadores e exportadores

CAFE JAVA

NO ELEGANTE KIOSQUE

DA

Praça do Ferreira

Em frente ao paço municipal.

Café fabricado a capricho. Chocolate unico, como só aqui se fabrica.

Cerveja fria.

Charutos finos e cigarros fabricados especialmente para

o

CAFE' JAVA

Manoel Pereira dos Santos.

GUILHERME ROCHA & C.^a

Drogaria



Drogaria

17 RUA FORMOZA N.º 17

SILVA CARNEIRO & C.

Importadores
CASA DE COMMISSÕES

ARMAZEM DE ESTIVAS

MEREA 15A

Generos de superior qualidade por todos os vapores, directamente.

Sortimento de vinhos finissimos.

Rua Formosa—72

ALFAIATARIA

DE

OLEGARIO A. DOS SANTOS

Praça do Ferreira n.º 34

Obras feitas, batinas, capas de matas e um grande sortimento de obras francezas e roupas por medida.

J. WEILL & C.^a

A mais antiga casa de JOIAS desta provincia tem sempre escolhido sortimento de tudo que diz respeito a

JOALHERIA

RELOGIOS de todos os generos Compram sempre ouro velho e moedas.

CEARA'

0—RUA DO MAJOR FACUNDO—70

Pharmácia Albano

GRANDE DEPOSITO
DE

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas nacionaes e estrangeiras.

Sortimento completo de homoeopathia em tintura, globulos e cartelas. Receitas a qualquer hora. Preços modicos.

36—RUA DA BOA-VISTA—36

LIBERTADORA

48--Rua da Boa-Vista--48

Este immenso estabelecimento sem duvida é o mais notavel na provincia, e que com o systema adoptado até hoje, de vender com insignificante lucro, e servir a todos os seus freguezes com rigoroso cmerno, conquistando; assim, a mais plena confiança; recebe-se mensalmente de Pariz o que ha de primoroso em FAZENDAS, MODAS E NOVIDADES.

Vende suas mercadorias por preços quasi impossiveis, merecendo assim a **Popularidade e sympathia** do muito illustrado publico cearense,—especialmente das Exm.^{as} Sras.

Contando cinco annos de existencia este notavel estabelecimento, cujas vantagens são aliás reconhecidas por seus proprios collegas, seus proprietarios não tem poupado esforços para melhorar cada vez mais o seu systema em proveito geral, tendo sempre sortimento profuso e escolhido de tecidos do mais apurado gosto e novidade.